

**EM BUSCA DA RAIZ DA FAKE SCIENCE DA PRIMEIRA MULHER NA HISTÓRIA DO  
COOPERATIVISMO**

**STELA LUCIANI STEIN**

**KELLERMAN AUGUSTO LEMES GODARTH**  
INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ

# EM BUSCA DA RAIZ DA FAKE SCIENCE DA PRIMEIRA MULHER NA HISTÓRIA DO COOPERATIVISMO

## 1. INTRODUÇÃO

O cooperativismo moderno atual, originou-se no período intitulado Revolução Industrial, no distrito de Rochdale, Inglaterra, onde um grupo de trabalhadores, em sua maioria tecelões, reuniu-se e criou uma cooperativa baseada na venda de produtos primários, são conhecidos como Probos Pioneiros de Rochdale.

A iniciativa da pesquisa aqui explanada surgiu em uma aula do curso técnico em cooperativismo integrado ao ensino médio, onde em uma aula foi assistido didaticamente ao filme “Os Pioneiros de Rochdale” (1993), sobre a história desta cooperativa e como ela se constituiu. Após debater a respeito do filme e analisar o papel da mulher na sociedade desta época, levando em consideração as informações transmitidas, comparam-se essas com informações absorvidas anteriormente, e assim surgiram algumas dúvidas a respeito de quem teria sido oficialmente a primeira mulher a se associar em uma cooperativa.

Havia, anteriormente, informações contraditórias em diversos sites e importantes materiais didáticos, tais como a de que Ann Tweedale teria sido a primeira mulher sócia em uma cooperativa e juntamente com 27 tecelões fundado a Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale. Porém, no filme, deu-se a entender, que uma mulher denominada Sra. Croft, também obteve sua cota social na mesma, em uma cena onde, supostamente, a senhora teria solicitado o ressarcimento do valor por receio de que a cooperativa não obtivesse sucesso, contudo, hesitou em sua decisão.

Inicialmente, a pesquisa abordava como objetivo identificar quem de fato teria sido a primeira mulher oficialmente cooperada. Até verificar-se que diversas fontes constam essa tecelã e pioneira não existente, incluindo algumas muito relevantes para o cooperativismo nacional, como por exemplo, a apostila intitulada “Introdução ao Cooperativismo” (REISDORFER, 2014), da rede e-Tec Brasil, utilizada em cursos EAD na rede federal (pág. 26) e a “Revista ESPACIOS” (Vol. 35 (n°12), 2014).

O objetivo atual é, principalmente, refutar a afirmação de que houve uma mulher entre os vinte e oito tecelões fundadores da “Rochdale Equitable Pioners Society Limited”, e demonstrar que essa informação tornou-se uma *Fake Science* amplamente divulgada no cenário acadêmico do Cooperativismo.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho gira em torno de uma coleta de dados, o procedimento foi o levantamento de dados. Uma pesquisa de levantamento de dados disponibiliza diversas opções aos gestores e analistas diante do mercado no qual a sua empresa está inserido. É importante entender que os dados precisam ser puros, sem a alteração de terceiros.

É indutiva, se baseia em uma quantidade pequena de dados que serve para uma quantidade grande de utilizações, É um método baseado na indução, ou seja, numa operação mental que consiste em se estabelecer uma verdade universal ou uma referência geral com base no conhecimento de certo número de dados singulares.

A finalidade da pesquisa é aplicada pela abordagem quantitativa, que se baseia em dados concretos, dados quantitativos visam coletar fatos concretos: números. Dados quantitativos são estruturados e estatísticos. Eles formam a base para tirar conclusões gerais da sua pesquisa.

Seus objetivos são uma pesquisa exploratória e descritiva, a pesquisa descritiva tem por objetivo descrever as características de uma população, de um fenômeno ou de uma experiência. Esse tipo de pesquisa estabelece relação entre as variáveis no objeto de estudo analisado. Variáveis relacionadas à classificação, medida e/ou quantidade que podem se alterar mediante o processo realizado.

### **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O papel feminino na sociedade é um tema um tanto quanto polemico, porém, que passou por importantes transformações e já se tem certa consciência de sua importância. A sociedade está afastando-se gradativamente de muitos conceitos machistas impostos desde a antiguidade. Entretanto, sabemos que alguns séculos atrás esses preconceitos eram ainda mais rigorosos.

Por muito tempo os homens eram os únicos a terem domínio de bens e poder, portanto, quem realizava essas relações comerciais e de negócios eram os mesmos. Pode dizer-se que as mulheres nunca detiveram este papel social, pois eram submissas a seus maridos, e eles, por sua vez, realizavam ações de caráter político e econômico. Mulheres não possuíam poder sobre seus direitos, e durante muito tempo não detinham a própria liberdade de responder por seus atos ou tomar decisões.

No período da revolução industrial, a inserção de mulheres era permitida dentro de indústrias, apenas pelo fato de proporcionarem um benefício econômico aos empregadores, pois a mão de obra era monetariamente desvalorizada. O papel feminino no mercado de trabalho desta época sofreu diversas modificações, a maior parte delas desagradáveis. (RODRIGUES, 2015, p. 05)

Segundo Chassot (2004), “As mulheres fazem grandes contribuições para o desenvolvimento científico, mas o conhecimento e a divulgação da participação feminina na ciência ainda são precários. As explicações para tamanha diferença entre os sexos e essa “invisibilidade” feminina são pelo menos duas, que parecem válidas: a primeira histórica e a segunda biológica. Na própria História da Ciência se identifica a ausência de cientistas femininas há milênios; isto acontece quando vemos que ainda nas primeiras décadas do século XX, a Ciência estava culturalmente definida como uma carreira imprópria para a mulher, da mesma forma, na segunda metade do século XX, as profissões estavam destinadas a um gênero específico” (CHASSOT, A; 2004).

Para Olinto (2011),

Por que tratar das diferenças de gênero? Qual a sua importância e urgência? A força do argumento econômico é evidente, sendo este recorrentemente colocado em destaque em muitos estudos. De fato, em primeiro lugar, a desigualdade entre homens e mulheres pode ser considerada um desperdício: Deixar as mulheres para trás significa não somente desprezar as importantes contribuições que as mulheres trazem para a economia, mas também desperdiçar anos de investimento em educação de meninas e jovens mulheres.

#### **3.1. Primórdios do Cooperativismo**

Como citado anteriormente, o cooperativismo moderno, ou seja, o modelo de cooperativa da forma como é conhecido atualmente, iniciou-se no período intitulado Revolução Industrial, esse processo de transformação industrial e mecanização teve origem exatamente na Inglaterra, similar ao cooperativismo. (PINTO, 2017, p.01)

Devido a dificuldades do capitalismo oligopolista como o desemprego, baixos salários e horários de trabalho exorbitantes, 28 trabalhadores da cidade de Rochdale-Manchester juntaram suas economias quase que escassas, e com muito esforço montaram seu próprio armazém, que baseava-se na venda de produtos de primeira necessidade. Esses estabeleceram princípios que foram disseminados pela Europa e por todo o mundo, e ainda hoje são considerados modelos para as cooperativas.

Figura 1 - Alguns dos fundadores da cooperativa de Rochdale - Inglaterra



Fonte: Museu de Rochdale (2019)

A idéia já tinha sido proposta antes em diversos lugares do mundo, todavia, foi apenas no dia 21 de dezembro de 1844 que estes indivíduos, moradores deste distrito, buscando uma alternativa para sobreviver as consequências quase desumanas da Revolução, obtiveram êxito ao proporem um novo modelo de negócios, denominado posteriormente “cooperativismo”. Baseado na ajuda mútua, a associação abrangia em seus princípios valores muito nobres como a solidariedade, a democracia e a equidade, mas também previa o bem estar econômico de seus associados.

A chamada “Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale” obteve sucesso e foi o incentivo que outros grupos precisavam para colocarem em prática a criação de outras instituições cooperativas semelhantes a de Rochdale. Em 1966, a cooperativa já tinha aproximadamente 5.300 cooperados. (FARDINI, 2017, p.43)

### 3.2. Fake Science

Como já se sabe, é de muita importância o cuidado na hora de escrever qualquer tipo de documento, com a escolha de fontes confiáveis. Entretanto, é comum o descuido e algumas informações acabam sendo alteradas, em um determinado momento, de maneira que as torna falsas. Se difundidas principalmente por fontes consideradas seguras, consequentemente essas informações científicas podem ser reconhecidas como verdade até que se prove o contrário.

O termo “*Fake Science*” é utilizado para denominar essas afirmações que não estão corretas, de acordo com a perspectiva científica. Por esse motivo não devemos levar em consideração apenas o local de onde o conteúdo científico é retirado.

*Fake science*, também chamada de pseudociência, algo que quer se passar por ciência sem ter o seu rigor. Existem critérios para diferenciar a pseudociência da ciência, pois, como diz o filósofo da ciência Bruno Latour, “o objetivo da ciência não é produzir verdades indiscutíveis, mas discutíveis”. As verdades discutíveis são refutáveis e “verdades”

indiscutíveis são pós-verdades, “verdades” da pseudociência. No entanto, em tempos pós-verdadeiros, a atividade científica é também ameaçada pela falta de rigor nos mesmos cuidados necessários para identificar as fake news cotidianas. A ciência, que por construção idealizada deveria ser imune à pós-verdade e à produção de sua versão falsa (*fake science*), verifica-se que também esse território do conhecimento humano está sendo invadido por opiniões e crenças que se sobrepõem ao rigor científico.

Considerar a fonte é fundamental na ciência, bem como consultar especialistas. Os especialistas no caso podem ser as bases de dados para buscas bibliográficas, com ferramentas cada vez mais acuradas para encontrar o que se busca em prol da ciência, mas também para aferições bibliométricas tão presentes na avaliação da atividade científica. O cânone dessas bases é conhecido como *Web of Science*, considerada a mais seletiva que existe. As buscas são feitas no repositório de mais de 10 mil revistas científicas indexadas após uma seleção rigorosa de acordo com os critérios que guiam a prática da publicação acadêmica. A popularidade do seu uso, além do de outras bases como o *Scielo* e a *Scopus*, levou a uma confiança quase absoluta nela: se algum artigo é encontrado ali é porque é correto e crível, pois a base garante que o artigo passou pela revisão por pares antes de ser publicado, um dos vários critérios para que a revista seja incluída na base. Como se está também na ciência a limitação aos terrenos disciplinares cada vez mais especializados, passa despercebido que essa base, no entanto, dá guarida a revistas que promovem a *fake science*.

Para identificar a *fake science* não é suficiente perguntar aos especialistas, sejam bibliotecários ou bases de dados no mundo virtual. É importante seguir outras precauções, como ler mais, ir além do título e ver o conteúdo completo.

#### 4. DISCUSSÃO

Buscando por respostas em livros, revistas, apostilas e sites, encontraram-se imagens do livro ata da Cooperativa de Rochdale com sua respectiva transcrição no site oficial do “Rochdale Pioneers Museum”. Após verificarem-se os nomes dos pioneiros, constatou-se que não havia nenhuma mulher entre eles, conforme a tabela 1, apesar de muitas fontes respeitáveis afirmarem que vinte e sete tecelões e uma tecelã foram os fundadores da cooperativa.

Tabela 1 – Lista dos pioneiros fundadores da cooperativa de Rochdale, ocupação, atuação na cooperativa e orientação política.

PIONEIROS DE ROCHDALE			
NOMES	OCUPAÇÃO EM 1844	ATUAÇÃO NA COOPERATIVA	ORIENTAÇÃO POLÍTICA
Benjamin Jordan	Não referenciada	Não referenciada	Cartista
Benjamin Rudman	Tecelão	Não referenciada	Cartista
Charles Howarth	Operário	Secretário	Socialista
David Brooks	Estampador	Encarregado das compras	Cartista
George Healey	Tecelão	Não referenciada	Socialista
James Bamford	Sapateiro	Conselheiro	Congregacionista
James Daly	Marceneiro	Não referenciada	Socialista
James Maden	Tecelão	Não referenciada	Cartista
James Manock	Tecelão	Não referenciada	Cartista
James Smithies	Operário	Não referenciada	Socialista
James Standring	Tecelão	Não referenciada	Socialista
James Tweedale	Sapateiro	Não referenciada	Socialista
James Wilkinson	Sapateiro	Não referenciada	Unitário

John Bent	Alfaiate	Conselheiro Fiscal	Socialista
John Collier	Mecânico	Conselheiro	Socialista
John Garside	Marceneiro	Não referenciada	Socialista
John Hill	Carpinteiro	Não referenciada	Unitário
John Holt	Costureiro	Primeiro Tesoureiro	Cartista
John Kershaw	Guarda	Não referenciada	Cartista
John Scowcroft	Vendedor	Não referenciada	Unitário
Joseph Smith	Operário	Comissão de compras	Socialista
Miles Ashworth	Tecelão	Primeiro Presidente	Cartista
Robert Taylor	Tecelão	Não referenciada	Socialista
Samuel Ashworth	Tecelão	Primeiro Gerente	Cartista
Samuel Tweedale	Tecelão	Conferente	
William Cooper	Tecelão	Primeiro Caixaieiro	Socialista
William Mallalieu	Lixeiro	Conselheiro (suplente)	Socialista
William Taylor	Livreiro	Não referenciada	Socialista

Fonte: Elaborado pelos autores com dados do Museu de Rochdale (2019).

Passou-se a consultar diversas fontes científicas, principalmente os repositórios institucionais das dez maiores universidades brasileiras segundo o ranking do Ministério da Educação (MEC) medido pelo Índice Geral de Cursos (IGC) de 2017, das quais se destaca a Universidade de São Paulo (USP). Entre os diversos materiais consultados nestes repositórios não se constataram nenhuma menção a tal mulher.

Posteriormente, decidiu-se recorrer ao *Google Acadêmico* (scholar.google.com.br), onde entre os materiais analisados foram encontradas 43 menções à mulher pioneira, que deste modo, faziam o uso desta *fake science*. Após as análises de diversos dados, no que se diz respeito a utilizar esta falsa informação, e portanto, chegaram-se aos seguintes números:

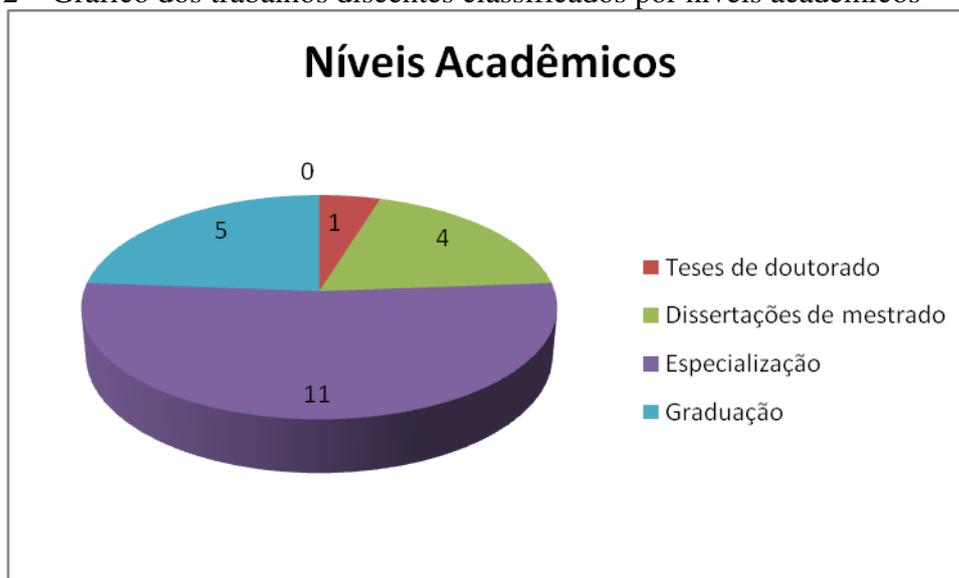
- A. Entre trabalhos de especialização e graduação, com destaque em universidades reconhecidas nacionalmente, como a UFRGS, e regionais, tais como UNIOESTE e UNESC, além de outras 6 de universidades federais, 21 trabalhos encontrados detinham esta informação falsa (tabela 2).

Tabela 2 – Trabalhos discentes por níveis acadêmicos e instituições.

TRABALHOS ACADÊMICOS	
NÍVEIS ACADÊMICOS	
Teses de doutorado	1
Dissertações de mestrado	4
Especialização	11
Graduação	5
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>
INSTITUIÇÕES	
UFRGS	4
UNIOESTE	2
UNESC	2
Outras Instituições Federais	6
Outras Instituições Particulares	6
Outras Instituições Estaduais	1
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa (2019).

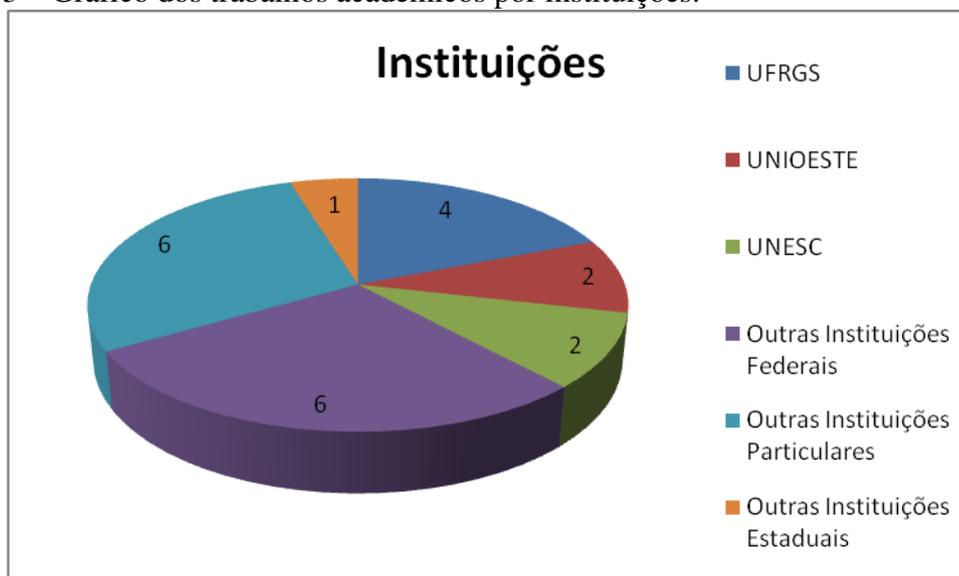
Figura 2 – Gráfico dos trabalhos discentes classificados por níveis acadêmicos



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa (2019).

O fato de haver uma tese de Doutorado que faz uso dessa *fake news* demonstra que o problema é grave, e o assunto merece ser discutido mais amplamente pela academia. São quatro dissertações de mestrado, fase acadêmica onde o pesquisador está em formação, e dessa forma o cuidado com as fontes de dados deve ser muito rigorosa, pois logo depois estes acadêmicos em formação serão os professores que estarão formando novas gerações. Se casos como estes passarem despercebidos, corre-se o risco de termos uma geração esculpida em informações falsas.

Figura 3 – Gráfico dos trabalhos acadêmicos por instituições.



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa (2019).

Muito destaca-se também as instituições onde estes trabalhos foram realizados. Importantes universidades constam da lista, conforme o gráfico da figura 3. Considera uma das melhores universidades do Brasil por diversos *rankings* nacionais e internacionais, foram

4 trabalhos de acadêmicos da UFRGS que utilizaram a *fake science* da primeira mulher cooperada entre os 28 tecelões de Rochdale. Outras seis pesquisas realizadas em universidades federais também apresentaram o mesmo erro. No imaginário popular, tais instituições formam os melhores profissionais de cada área, e jamais acreditariam que pesquisas feitas em suas mesas e laboratórios poderia utilizar-se de fontes não confiáveis.

- B. As demais 22 menções foram publicadas em periódicos, principalmente mais recentes, de 2013 à 2016, onde ganham ênfase as revistas RGC (Revista de Gestão e Organizações Cooperativas) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o único periódico específico da área do cooperativismo no Brasil, classificado no Qualis Capes como B4. Também os periódicos Espacios (B1), Alcance, REN (Revista Econômica do Nordeste) e Organizações em Contexto, estas três classificadas como B2 (tabela 3).

Tabela 3 – Artigos científicos separados pelas suas respectivas classificações no Qualis-CAPES.

PERIÓDICOS: CLASSIFICAÇÃO SEGUNDO A QUALIS CAPES	
B1	1
B2	4
B3	4
B4	3
C	1
Sem Qualificação	4
Sem Referência	5
<b>TOTAL</b>	<b>22</b>

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa (2019).

Esses números representam a importância para a pesquisa científica brasileira do cuidado com o que escreve-se e com as informações que são transmitidas tanto por trabalhos acadêmicos, quanto por qualquer outro tipo de texto científico. Com os dados apresentados pode-se perceber que esta *Fake Science* foi amplamente difundida, inclusive entre grandes nomes da ciência nacional.

#### 4.1 SEGUNDA FASE

Em uma segunda fase da pesquisa, foram analisadas as referências que os artigos citados utilizaram quando da citação da mulher tecelã, com objetivo de descobrir a origem desta *fake science*. A única tese de Doutorado encontrada, da UNIOESTE, citou o site da OCB no ano de 2015 como referência na citação da tecelã. Porém, nas referências não há item da OCB 2015, somente da OCB 2014, citada em outra parte do texto, isto é, este trabalho usa uma informação sem a devida evidência científica.

Duas dissertações, uma da UNISINOS e outra da UFRGS afirmam a presença da tecelã em seus textos, porém simplesmente não há citação, isto é, não há como saber de onde a informação foi retirada. As outras duas dissertações, uma da UFRGS e outra da Faculdade Novos Horizontes, citam o Portal do Cooperativismo Financeiro, nos anos de 2013 e 2016, que para este texto foi novamente acessado e afirma a presença da tecelã (<https://www.cooperativismodecredito.coop.br/cooperativismo/historia-do-cooperativismo/os-pioneiros-de-rochdale/>). Porém, não trás referência de onde foi tirada a informação, somente sugerindo a visita ao Museu Digital de Rochdale, de onde estes pesquisadores já apresentaram que na ata de fundação estão 28 tecelões homens, e ao filme, que instigou esta pesquisa.

Dos demais 16 trabalhos acadêmicos, entre resultados de especializações e TCC, em 6 deles não houve a citação sobre a informação da tecelã, demonstrando que houve citação sem a devida referência nos trabalhos. Em 4 trabalhos, houve citação e referência, mas não tivemos acesso aos textos referenciados, por serem livros físicos sem disponibilidade pela internet. Em 1 trabalho citou-se o site da OCB, que como apresentou-se anteriormente neste texto, não referencia de onde a informação da tecelã surgiu. Outros dois trabalhos citam o site da SICREDI ([www.sicredi.com.br](http://www.sicredi.com.br)) como fonte da informação, e em consulta ao mesmo encontrou-se o trabalho de Barth (2014), porém este ao citar a tecelã não faz citação, tornando impossível a estes pesquisadores conseguir obter informações idôneas. Mais 1 trabalho se refere a “apostila do Curso Cooperando elaborado pela Universidade Corporativa BB”, o qual também não tivemos acesso. Por fim, dois textos citam e referenciam, porém nos textos citados não há referência à tecelã, isto é, houve algum engano perigoso ou deliberada ação danosa à ciência.

Entre os artigos de periódicos, 14 tem citação e referência, que serão objeto de outro estudo, e 9 não fazem a citação da informação.

## 5. CONCLUSÃO

Por fim, após verificar que muitos autores, mesmo que não intencionalmente, utilizaram desta *fake science*, e em seguida analisar-se a ata oficial da “Rochdale Equitable Pioners Society Limited” chegamos a concordância de que a primeira mulher cooperada só se oficializou em 16 de março de 1846, ou seja, aproximadamente 15 meses após a criação da cooperativa, sendo ela Eliza Brierley, mulher de um dos pioneiros, William Cooper, que com apenas uma libra se tornou oficialmente uma associada da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale.

Sendo assim foram vinte e oito homens que fundaram inicialmente a mesma, apesar de se ter citações de que uma mulher influenciou para que isso fosse possível. E constatou-se também que apesar de dirigir-se normalmente aos mesmos como tecelões, apenas parte deles realmente trabalhavam na tecelagem.

O objetivo inicial não se esclareceu da maneira esperada, após consultar ao livro ata da cooperativa, onde foi esclarecido que na verdade não havia nenhuma mulher entre os pioneiros, foi restabelecido um novo objetivo e ainda mais desafiador.

Portanto, conclui-se que o objetivo atual foi alcançado de forma que ficou claro que não houve uma mulher entre os pioneiros fundadores, e que posteriormente a primeira mulher associada à Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale foi Eliza Brierley.

Ainda na segunda fase, buscou-se identificar as citações que cada um dos 43 trabalhos que utilizaram-se desta *fake science* pesquisou para afirmar a presença de uma mulher entre os 28 fundados da cooperativa de Rochdale.

Os empecilhos que limitaram ao longo da pesquisa e da elaboração deste trabalho científico foram principalmente os materiais e fontes apresentados em uma língua distinta da dominada pelos autores. Além da falta de recursos para entrar em contato com a produtora do filme citado, que por sua vez também é internacional.

Almeja-se dar continuidade a pesquisa, e pretende-se esclarecer quem teriam sido as duas mulheres citadas como cooperadas, Ann Tweedale e a Sra. Croft, para que se possa compreender como chegou-se a esta *Fake Science*. Também estabeleceu-se como objetivo verificar se esta informação foi difundida apenas entre a ciência brasileira, ou está presente também no exterior.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Cleia et al. Marketing Social: estudo de caso na cooperativa agropecuária do estado do Tocantins. Caderno Profissional de Administração da UNIMEP, v. 3, n. 2, p. 1-13, 2013.
- BRATTI, Francielli Elias. Análise de crédito: uma proposta para redução da inadimplência em uma cooperativa de crédito da região sul de Santa Catarina. 2012.
- BUENO, Paulo Fernando Zanardini. Gênero e cooperativismo: a participação das mulheres nas cooperativas de trabalho. 2001.
- CENTENARO, Angela Ester Mallmann. O IMAGINÁRIO DA MULHER GAÚCHA EM RELAÇÃO AO COOPERATIVISMO. Revista Ciências Sociais em Perspectiva, v. 13, n. 25.
- CHASSOT, A. Saberes Populares fazendo-se saberes escolares: uma alternativa para a alfabetização científica. In: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 5., 2004, Curitiba. Anais... Curitiba, 2004
- College Students' Views of Work–Life Balance in STEM Research Careers: Addressing Negative Preconceptions Anna Tan-Wilson and Nancy Stamp. CBE—Life Sciences Education. Vol. 14, 1–13, Fall 2015
- CREDIT, Cooperative. Satisfação do associado: Um estudo aplicado aos serviços ofertados por uma Cooperativa de Crédito. Revista ESPACIOS| Vol, v. 35, n. 12, 2014.
- CRISTOFOLI, Fulvio. A crescente expansão das cooperativas de serviço no Brasil. Revista Organizações em Contexto, v. 2, n. 3, p. 182-198.
- DA SILVA, Juliano Domingues; MARCELINO, Thiago Gabriel. COOPERATIVISMO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE CORUMBATAÍ DO SUL: estudo da Cooprocor. Revista Catarse, v. 1, n. 1, p. 24-36, 2013.
- DE AZEVEDO, Janamaina Costa Bezerra; BARBOSA, Ycarim Melgaço. Cooperativas Habitacionais em Goiânia. Revista EVS-Revista de Ciências Ambientais e Saúde, v. 41, n. 1, p. 57-68, 2014.
- DE OLIVEIRA LEITE, Ana Cláudia. A Flexibilidade nas Relações de Trabalho e o Cooperativismo. Revista de Ciências Gerenciais, v. 12, n. 14, p. 69-84, 2015.
- DE SOUZA, Lindomar José. ASPECTOS MOTIVACIONAIS E EXPERIENCIAIS DA ADERÊNCIA AOS SERVIÇOS EM UMA COOPERATIVA DE CRÉDITO MINEIRA.
- DIEL, Fernanda Camila; LEISMANN, Edison Luiz. Identificação do perfil e das percepções de associados de cooperativa de crédito no estado do Paraná. Revista de Gestão e Organizações Cooperativas, v. 1, n. 1, p. 43-53, 2014.

DOMINGUES FELICIO, João Carlos; CRISTOFOLI, Fulvio. O ressurgimento do movimento cooperativista de trabalho no Brasil. Revista Brasileira de Gestão de Negócios, v. 6, n. 15, 2004.

DURLO, Avani Rubin; DA SILVA CARLESSO, Stèle Bicca. O controle interno e as cooperativas. Revista Eletrônica de Contabilidade, v. 2, n. 3, p. 199, 2005.

FRANKEN, Lucas. Estudo dos fatores motivacionais e inibidores em relação à participação dos associados com a Cooperativa Triticola Santa Rosa Ltda-Cotrirosa. 2015.

GASPAR, Karina da Silveira. Lideranças femininas em uma instituição financeira de natureza cooperativa: análise das condições que viabilizam as mulheres chegarem a cargos de liderança executiva. 2016.

GONÇALVES, Alan Milanez. Inadimplência de crédito na pessoa jurídica: um estudo em uma cooperativa do sul de Santa Catarina. 2016.

HOFF, Márcio. Assentamento Trinta de Maio: ações e contradições entre educação e trabalho em uma cooperativa de produção agropecuária. 2010.

ILHA, Paulo César da Silva et al. Uma análise comparativa da competitividade das cooperativas agroindustriais, do Oeste do Paraná, sob as perspectivas econômico-financeiras, tecnológicas de produção e dos mercados. 2015.

JESUS, Luciana Habby de. Governança corporativa e controles internos em uma cooperativa de crédito. 2016.

JÚNIOR, Bandeira; PINTO, Chateubriand. Uma abordagem do modelo conceitual de gestão de Oliveira, na atual administração de cooperativas: estudo de caso na creduni. 2014.

LUZ, Newton Wiethorn da et al. Análise da gestão de uma cooperativa de trabalho médico através do processo decisório: um estudo de caso da Unimed-Florianópolis. 1998.

MACEDO, Jhonattan Heber de Souza. O cooperativismo como meio de inserção social de produtores familiares do Núcleo Rural Rio Preto-DF. 2013.

MATOS, Paulo Rogério Faustino; RIBEIRO, Fábio Gondim. Análise do comportamento otimizador das cooperativas de crédito nas Regiões Norte e Nordeste. Revista Econômica do Nordeste, v. 41, n. 2, p. 331-354, 2010.

MAVRIPLIS, C., Beil, C., Dam, K., Heller, R., Sorensen, C., (2010). An Analysis of the FORWARD to professorship Workshop - What Works to Entice and Prepare Women for Professorship? In: Godfroy-Genin, A.S. (ed.) Women in Engineering and Technology Research: The PROMETEA Conference Proceedings. LIT Verlag, Berlin.

MORAIS, Maria Cristina de. Cooperativa habitacional autofinanciável: uma alternativa de mercado à escassez de financiamento. 2004. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MULINARI, Marieli; DE SOUZA RITTERBUCH, Diana. Perfil dos colaboradores das cooperativas de crédito frente à essência do cooperativismo. *Revista de Administração*, v. 9, n. 16, p. 59-76, 2010.

OLIVEIRA, Sabrina da Costa de et al. O perfil das cooperativas leiteiras fluminenses e a adoção de práticas ambientais conservacionistas. 2014.

PARISOTO, Solange. Cooperativas de crédito do SICREDI/RS e o crédito rural: uma análise sobre a produção de alimentos e energias tradicionais e sustentáveis. 2017.

PEREIRA, Alexandre Pocai. Cooperativismo florestal: histórico e oportunidades. 2015.

PEREIRA, Meire Joisy Almeida; SANTOS, Antonio Ronildo Viana. Cooperativismo na Amazônia setentrional: caminhos e descaminhos. *Revista de Administração de Roraima-RARR*, v. 3, n. 1, p. 187-210, 2013.

Reisdorfer, Vitor Kochhann. Introdução ao cooperativismo / Vitor Kochhann Reisdorfer – Santa Maria : Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico, Rede e-Tec Brasil, 2014.

RODRIGUES, Débora da Silva. Cooperativas de Trabalho. 2005. Universidade Candido Mendes.

SAGGIN, Aline; ALVES, Adilson Francelino. Quem são as mulheres participantes do cooperativismo no Paraná?. *Orbis Latina*, v. 7, n. 3, p. 210-218, 2017.

SANTOS, Ana Claudia Valverde. A contribuição do cooperativismo de crédito solidário no fortalecimento da identidade territorial: o caso do sistema ASCOOB e sua atuação no território do Sisal, Bahia/The contribution of solidary credit cooperativism to the strengthening of (...). *Caderno de Geografia*, v. 28, n. 52, p. 106-124, 2018.

SANTOS, David Ferreira Lopes; DAMIÃO, Danielle Riegermann Ramos; DA COSTA MOURA, Marcos Marciel. A Evolução e Limites do Cooperativismo. Estudo de Caso: COOPERCAJU. *Revista de Ciências Jurídicas*, v. 12, n. 2, 2015.

SEBALHOS, Oldemar Reis. Gestão de manutenção: uma abordagem sobre a implantação de um sistema de manutenção em uma planta industrial de uma cooperativa. 2006.

SOUZA, Alice Brito. OS TRABALHADORES RURAIS E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA COOPERATIVA DE DOCES DA COMUNIDADE PORTO DE AREIA DE PARANAÍTA-MT, 2010-2015. *Revista Eletrônica da Faculdade de Alta Floresta*, v. 4, n. 2, 2015.

TAVARES ARAÚJO, Elisson Alberto; CASTRO SILVA, Wendel Alex. Sociedades cooperativas e sua importância para o Brasil. *Revista Alcance*, v. 18, n. 1, 2011.

VEDOVATTO, Eliana; BERGHAUSER, Neron Alípio Cortes. A auditoria interna como ferramenta de gestão nas cooperativas de crédito. *INFOCOS-Instituto de Formação do*, p. 169, 2009.

VIANA, Cláudio Benedito Rodrigues. As vantagens de ser um cooperado em cooperativas de crédito. 2007.

FARDINI, Giulianna (Coord.). Fundamentos do Cooperativismo/ Organizadores Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo e Organização das Cooperativas Brasileiras. Brasília, DF: Sistema OCB. 2017.

PINTO, Florentino Carvalho. Uma história do cooperativismo sob a perspectiva utópica. **Revista de Administração e Contabilidade da FAT**, v. 1, n. 1, p. 65-79, 2017.

BARTH, Marina A. Da Caixa Rural à Sicredi: Rumo ao centenário do cooperativismo de crédito no Vale do Rio Pardo. / Marina A. Barth, Guilherme W. Spindler, Benno Bernardo Kist. Santa Cruz do Sul : Editora Gazeta Santa Cruz, 2014.